

# CAPITAL SOCIAL COMO QUINTO FATOR DA PRODUÇÃO EM COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

## Resumo

O objetivo deste trabalho é propor um instrumento de medição de desempenho em Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA). Para isso foram utilizadas as variáveis da teoria do *capital social*. Todo o trabalho está direcionado à construção de uma matriz composta pelas variáveis: (a) *capital social estrutural, sob o enfoque econômico*, aqui relacionado aos fatores de infra-estrutura tecnológica e utilização de ambientes virtuais, bem como às políticas de incentivo ao uso de recursos de Tecnologia da Informação (TI); (b) *capital social cognitivo*, gerado por meio da criação da cultura virtual e (c) *coesão social sob o enfoque ações coletivas*, analisadas a partir da interação e colaboração entre seus participantes no tocante à promoção de tais ações. A pesquisa parte do pressuposto de que a geração de conhecimento em ambientes virtuais de aprendizagem está relacionada à alfabetização digital e à conseqüente utilização dos ambientes virtuais pelos participantes da comunidade em estudo. A metodologia está fundamentada na análise etnográfica do ambiente estudado, nas técnicas de coleta por meio de questionários, bem como na análise da construção de um *discurso do sujeito coletivo*. Uma visão estruturada dessas questões relativas ao desempenho de uma CVA está representada na *Matriz do Capital Social* resultante. Esta visão converge para os requisitos almejados nas análises de desempenho, ou seja para o estabelecimento de metas de gestão e a avaliação de seus resultados.

Palavras-chave: Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA). Capital Social. Matriz do Capital Social.

## Introdução

Nos últimos anos, a idéia do capital social tem crescido nas Ciências Sociais, e constitui objeto de estudo no Banco Mundial. Com experiências em mais de quinze países, a instituição vem aplicando o conceito, o que vem contribuir para o avanço da reflexão sobre o que medir e como, processo que acaba por construir um conjunto de pressupostos orientadores.

Falar de capital social está na moda. E como em toda moda, intelectual ou artística, o êxito de sua expansão se deve ao prestígio de seus mentores ou à posição de destaque de quem a distribuiu. Algo semelhante aconteceu com a idéia de globalização que passou a ser o novo mantra da economia. Um pouco de análise crítica e as contradições entre o discurso e a prática da cruzada globalizadora começaram a surgir.

Devemos a sociólogos como Bourdieu e Coleman a teorização inicial sobre o capital social e suas possibilidades de contribuição para o desenvolvimento econômico-social. Cientistas políticos como Robert Putnam e Francis Fukuyama deram continuidade à essa teoria.

Este trabalho tem por objetivo propor um instrumento de medição de desempenho na produção de conhecimento em Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA). Todo o trabalho voltou-se à construção de uma matriz composta pelas variáveis:

- *capital social estrutural*, sob o enfoque econômico, aqui relacionado aos fatores de infra-estrutura tecnológica e utilização de ambientes virtuais, bem como políticas de incentivo ao uso de recursos de Tecnologia da Informação (TI);
- *capital social cognitivo*, gerado por meio da criação da cultura virtual e
- *coesão social*, sob o enfoque de ações coletivas, analisadas a partir da interação e colaboração entre seus participantes no tocante à promoção de tais ações, produção do conhecimento etc., conforme QUADRO 1.

<b>MATRIZ DO CAPITAL SOCIAL</b>
<b>capital social estrutural</b> utilização de ambientes virtuais infra-estrutura tecnológica disponível políticas de incentivo ao uso de recursos de TI
<b>capital social cognitivo</b> aprendizagem cooperativa em CVA aderência à cultura virtual criação da cultura virtual
<b>coesão social (ações coletivas)</b> produção do conhecimento promoção das ações coletivas pela instituição adesão ao uso de TI para ações coletivas

QUADRO 1 – MATRIZ DO CAPITAL SOCIAL

A pesquisa parte do pressuposto de que a geração de conhecimento em ambientes virtuais de aprendizagem está relacionada à alfabetização digital e à conseqüente utilização dos ambientes virtuais pelos participantes da comunidade em estudo. O conhecimento assim gerado pode ser avaliado pelo interesse, motivação e aderência ao uso dos recursos disponibilizados em CVA, e pela coesão social, aqui sob o viés das ações coletivas, no conceito de capital social, desenvolvido por Putnam (2005).

Quanto ao ambiente da pesquisa, a disciplina Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Prática - CCVAeP, possibilitou o acompanhamento das vivências em um ambiente virtual e, por meio da utilização de técnicas etnográficas, foi realizado o registro passo a passo da criação e desenvolvimento de uma CVA. Esta disciplina, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Brasilina Passarelli, no 2º semestre de 2005, é parte do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, área de concentração, Interfaces Sociais da Comunicação, linha de pesquisa Educomunicação.

A metodologia está fundamentada no registro etnográfico do ambiente, em técnicas de coleta por meio de questionário e entrevistas, bem como na análise da construção de um discurso do sujeito coletivo (DSC), baseado em Lefèvre, F; Lefèvre, A M. C. (2003), com a utilização das variáveis do capital social.

## **Capital Social como quinto fator da produção**

A busca por caminhos mais eficazes, no âmbito da formação e do desenvolvimento sócio-cultural, passa por uma reavaliação do ponto de vista do progresso indefinido e vem sendo suplantada por visões que dão um papel mais importante às complexidades, contradições e incertezas.

Higgins (2005), em sua pesquisa, enfoca a posição de Bourdieu onde este afirma que os problemas decorrentes da inserção de indivíduos em estruturas sociais específicas estão diretamente relacionados à distribuição assimétrica das diferentes formas de capital (econômico, simbólico e cultural) e aos campos de luta gerados. Para Bourdieu, o volume do capital social de um agente específico é função da extensão da rede social e do volume do capital econômico e cultural que possuem as pessoas com as quais esse agente se relaciona, ou, o capital social é um fator multiplicador das outras formas de capital.

De acordo com Higgins (2005), o capital social foi incorporado como quinto fator de produção junto aos três fatores tradicionais - terra, trabalho e capital físico (ferramentas e tecnologia) - aliados ao capital humano (educação e saúde). Para os pesquisadores desse conceito, Coleman (1990) e Fukuyama (1996), Putman, (2005), os fatores econômicos não vão muito longe se as pessoas não forem capazes de compartilhar seus recursos e habilidades num espírito de cooperação e compromisso com objetivos comuns.

O autor apropria-se da definição de capital social dada por Bourdieu como “agregado dos recursos atuais ou potenciais, vinculados à posse de uma rede duradoura de relações de familiaridade ou reconhecimento mais ou menos institucionalizadas” (HIGGINS, 2005, p.30). Distinguem-se, de um lado, as relações sociais que permitem ao indivíduo obter recursos, e de outra parte, a qualidade e quantidade desses recursos.

No novo debate, há uma revalorização de aspectos não incluídos no pensamento econômico, tais como o reexame das relações entre cultura e desenvolvimento, e um repensar que se manifesta em propostas diferenciadas de acesso ao conhecimento como fator fundamental para inclusão e transformação social. O simples caminhar pelas ruas de uma cidade desvenda uma estrutura social baseada na formação e administração de redes de bens, serviços, conhecimentos e informações diversas, que precisam estar disponíveis para acesso e compartilhamento. Esta dinâmica social de uma rede coletiva facilita ao cidadão circular e viver numa cidade.

As novas TIC, favorecem a formação de uma rede de cidadania digital, e disponibilizam, nas cidades, serviços e ações de interesse público. Os programas de inclusão digital contribuem para o desenvolvimento social, cultural, intelectual e econômico, dada a disponibilização de espaços públicos com computadores para acesso à Internet, dotados de conteúdos digitais para: formação e capacitação, fomento a projetos comunitários com uso de TI, produção de pesquisas e facilitação para uso de serviços do governo eletrônico.

Nessa virtualização da economia, observa-se a dependência criada entre dois bens primordiais e particulares: a informação e o conhecimento. Lévy (1999) considera-os primordiais por serem elementos importantes na produção de riquezas; e particulares, por se

diferenciarem de outros bens pelas suas características - são partilháveis, uma vez que cedê-los não faz com que se percam e consumi-los não os destrói. Quando submetidos à virtualização, esses dois bens se desterritorializam, tornam-se não presentes, e colocam-se em um espaço comum a todos.

Com os recursos disponíveis, os meios de comunicação de massa desempenham o papel de costura no campo de inter-relações e desenvolvem ecossistemas comunicativos mediados pelos processos de comunicação e suas tecnologias. (Soares, 2000). É nesse contexto que, segundo o autor descobre-se a relação entre comunicação e educação. Tal relação vai além do aperfeiçoamento tecnológico, mas que pertence ao campo das relações denominadas mediações culturais que facilitam a produção e difusão da informação, “[...] promovem a interatividade dos processos de ensino-aprendizagem e fornecem referenciais teóricos e metodológicos necessários à análise da produção cultural e do conhecimento [...]” (SOARES, 2000, p. 63).

A essa teia de referências Coleman (1990) inclui as perspectivas da ação social e do ator social, conceito apropriado por Higgins (2005, p. 33), que entende o “capital social em termos funcionais, isto é, todos os elementos de uma estrutura social cumprem a função de servir como recursos para que os atores individuais atinjam suas metas e satisfaçam seus interesses. [...] Os interesses são ações postas em prática”.

Ao considerar a posição de Higgins estabelece-se um paralelo como preconizado por Soares (2001, p.43), no sentido de que “as práticas da gestão comunicativa buscam convergências de ações, sincronizadas em torno de um grande objetivo: ampliar o coeficiente comunicativo das ações humanas”. Assim, as necessidades concretas tais como: existência de fontes alternativas de recursos, grau de afluência desses recursos, capacidade de gestão para obter ajuda, coesão e logística para contatos interpessoais, são fatores comuns que transitam nas fronteiras estudadas entre a comunicação e a educação, e entre o social e o econômico.

Algumas formas do capital social como a confiança tem a curiosa característica de incrementar sua oferta quando aumenta seu uso, ao contrário do capital monetário que diminui quando é usado.

Putnam (2005) entende que, em sociedades modernas e complexas, a confiança social pode manar de duas fontes conexas: as regras de reciprocidade e os sistemas de participação cívica. Apoiando-se em resultados de pesquisas antropológicas, o autor declara que existem dois tipos de reciprocidade:

- Reciprocidade balanceada ou específica: consiste na permuta simultânea de elementos de igual valor (ex: alternância de dias de folga entre colegas de trabalho).
- Reciprocidade generalizada ou difusa: consiste numa contínua relação de troca que a qualquer momento apresenta desequilíbrio ou falta de correspondência, mas que supõe expectativas mútuas de que um favor concedido hoje venha a ser retribuído no futuro – a amizade está sustentada nesta forma de reciprocidade.

A reciprocidade e o capital social, desde o ponto de vista sociológico, fazem parte de um amplo sistema de intercâmbio social. Existe maior probabilidade de ocorrer intercâmbio em comunidades onde as pessoas acreditam em que a confiança será retribuída, sem abusos. Essa cultura é fruto da sociedade, moderna ou tradicional, com sistemas de intercâmbio e comunicação interpessoais, formais e informais. (HIGGINS, 2005, p. 65).

A cultura cruza todas as dimensões do capital social de uma sociedade. Segundo a Declaração Universal sobre Cultura e Desenvolvimento da Unesco (2001) “cultura deve ser considerada como o conjunto de linhas distintivas espirituais e materiais, intelectuais e afetivas que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que envolve, além das artes e das letras, a maneira de viver em grupo [...] ela molda nosso pensamento, nossa imagem e nosso comportamento (tradução nossa)”<sup>1</sup>. A cultura engloba valores, percepções, imagens, formas de expressão e de comunicação que definem a identidade das pessoas e das comunidades. Ela fica subjacente aos componentes do capital social como na proposição da ferramenta de medição qualitativa, proposta neste trabalho, e que se estrutura como:

- capital social estrutural (econômico) – manifesto na materialidade da infraestrutura e recursos tecnológicos desenvolvidos e disponibilizados na sociedade ou comunidade estudada;
- capital social cognitivo – expresso pelas iniciativas à criação e aderência à cultura virtual, o que promove a aprendizagem coletiva;
- coesão social - representada pela confiança expressa nas ações coletivas das CVA voltadas à produção do conhecimento.

Seguindo essa corrente de mudança de perspectiva do conceito de comunidade, vários autores das ciências sociais passaram a investigar, desde os anos de 1990, o conceito empírico de capital social (Coleman, 1990; Fukuyama, 1996; Portes, 1998; Grootaert, 1998; Narayan, 1999; Burt, 2005; Lin, 2005; Putnam, 2005)<sup>2</sup>. Essa noção poderia ser entendida como a capacidade de interação dos indivíduos, seu potencial para interagir não só com os que estão à sua volta, seus parentes, amigos, colegas de trabalho, mas também com os que estão distantes e podem ser acessados remotamente. Capital social significaria aqui a capacidade de os indivíduos produzirem nas suas próprias redes, nas suas comunidades, tendo como resultado a produção do conhecimento por meio da utilização dos recursos, provenientes de suas relações, desse capital social – idéias, informações e apoio (BANCO MUNDIAL, 2004).

Sob essa ótica, os recursos de capital são sociais na medida em que são acessíveis somente dentro e por meio dessas relações nas comunidades estabelecidas, contrariamente ao capital físico – recursos naturais, ferramentas e tecnologia – disponível a todos indistintamente. A estrutura de uma determinada comunidade - quem se relaciona com quem, com que frequência, e em que termos – tem assim um papel fundamental no fluxo de recursos por meio daquela rede ou daquela comunidade. “Estudos empíricos trabalham com a hipótese de que relações de confiança e reciprocidade melhoram a eficiência dos agentes econômicos. O ‘leitmotiv’ é que o capital social funciona como um redutor de custos de transação.” (HIGGINS, 2005 p.41).

## **A condição de contorno do Capital Social em CVA**

A produção do conhecimento pelos sujeitos participantes nas CVA, caracterizadas nesta pesquisa pela comunidade da disciplina CCVAeP, congrega várias vozes que se manifestam por intermédio dos vários papéis assumidos por seus participantes. Resgatando

---

<sup>1</sup> Unesco – United Nations Educational, Scientific And Cultural Organization, Declaração Universal da Unesco sobre a Diversidade Cultural, Paris, 2001, p. 19, disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160m.pdf>> Acesso em 28 maio 2007.

<sup>2</sup> Pesquisadores do Grupo Temático sobre Capital Social do Banco Mundial.

Bakhtin (2002), a fala é um ato social e funda-se na necessidade da comunicação, na qual a expressão do sujeito é um produto de várias vozes interligadas.

Para Bakhtin (2002), o ser humano é inconcebível fora das relações que o ligam ao outro. A palavra é plurivalente e o dialogismo<sup>3</sup> passa a ser condição constitutiva do sentido. O autor da fala se investe de muitas máscaras, o que Bakhtin qualifica como sendo a produção de um discurso polifônico<sup>4</sup>, uma vez que essas máscaras representam várias vozes a falarem simultaneamente sem que haja uma preponderante. Neste conceito, a expressão como interação de múltiplas perspectivas individuais e sociais representa uma estratificação e uma aleatoriedade da linguagem; mostra o quanto não se é autor das palavras proferidas. O filósofo russo diz que até mesmo a forma pela qual se expressam os sujeitos vem imbuída de contextos, estilos e intenções distintas, marcada pelo meio e tempo em que se vive, pela profissão, nível social, idade e tudo mais que nos cerca. O discurso se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes e contraditórias.

É neste contexto que os alunos, sujeitos produtores do discurso, interagem com outros discursos e se posicionam de maneira colaborativa na produção do conhecimento, em fóruns das CVA, sob a forma de contribuições individuais e coletivas.

Cooperar significa operar com o outro ou outros, remete a uma ação que precisa do comprometimento e ato de outras pessoas para que seja operada e realizada. Desta forma, ao cooperar, a interação social e a troca entre indivíduos funcionam como estímulo para o processo de construção de conhecimento individual e coletivo, conforme Macedo (2002, p. 144):

[...] a importância que Piaget dava ao trabalho em grupo ou em equipe está presente no modo como realizava suas investigações. Toda obra experimental de Piaget, que reúne mais de cinquenta livros, contendo, cada um deles, pelo menos uma dezena de pesquisas, foi realizada em um contexto de colaboração e interdisciplinaridade. [...] Piaget, em muitas páginas descreve a necessidade de se fazer pesquisa em uma perspectiva de controle mútuo, que só um trabalho em equipe possibilita.

É por meio das formas de comunicação, da interação entre pessoas, que se pode verificar uma relação colaborativa ou cooperativa, que pressupõe alguns requisitos que vão além da mera interação. Para Palloff e Pratt (2002), a discussão permite que os sujeitos sejam responsáveis pela forma como se envolvem com o curso e cheguem a um acordo sobre a interação. É isso que estabelece o primeiro passo da busca de uma maior colaboração na aprendizagem.

Com relação a essa discussão, no trabalho coletivo da disciplina CCVAeP – turma de 2005<sup>5</sup> está dito que:

Alguns autores definem ou referenciam a cooperação e colaboração como sinônimos, outros fazem distinção. Maçada e Tijiboy (1998) definem colaboração como trabalho em comum realizado por uma ou mais pessoas, cooperação, auxílio,

---

<sup>3</sup> HOUAISS, A; VILLAR M. S.; FRANCO, F.M.M. (Ed.) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva, 2001. Disponível em <http://biblioteca.uol.com.br/>. Acesso em 25 maio 2007. Dialogismo: “arte de dialogar; figura que consiste em construir uma reflexão sob a forma de diálogo, com perguntas a que o próprio autor responde, ou em reproduzir em diálogo as idéias e os sentimentos dos personagens”

<sup>4</sup> BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, Ed. Unicamp:1991, Polifonia: “conceito elaborado inicialmente por Bakhtin, que o aplicou à literatura; foi retomado posteriormente por Ducrot, que lhe deu um tratamento lingüístico. Refere-se à qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro”.

<sup>5</sup> Publicado em: <<http://bpassarelli.futuro.usp.br/pos/inter/textpub.htm>>

contribuição. Colaborar (co-labore) significa trabalhar junto, implica o conceito de objetivos compartilhados e uma intenção explícita de somar algo – criar alguma coisa nova ou diferente por meio da colaboração, se contrapondo a uma simples troca de informação. E cooperação é definida como um trabalho de co-realização que atinge o significado de colaboração, envolve o trabalho coletivo visando alcançar um objetivo comum. O conceito de cooperação é mais complicado na medida em que a colaboração está incluída nele, mas o contrário não é verdadeiro. Ou seja, para existir cooperação é preciso que haja colaboração.

As autoras enfatizam que o conceito de cooperação é mais complexo, pois pressupõe a interação e a colaboração, além de relações de respeito mútuo não-hierárquicas entre os envolvidos, assumindo uma postura de tolerância e convivência com as diferenças dentro de um processo de negociação constante. Percebe-se que a diferença fundamental entre os conceitos reside no fato de que, para haver colaboração, um indivíduo deve interagir com o outro, existindo ajuda – mútua ou unilateral. Para existir cooperação, não só deve haver interação e colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas.

Existe ainda um fator importante que deve ser levado em consideração: a ajuda da percepção no processo interação-colaboração-cooperação. Tem a ver com a organização lógica na percepção individual do conteúdo. A percepção torna-se um fator fundamental na comunicação, coordenação e cooperação de um grupo de trabalho. (...) Perceber as atividades dos outros indivíduos é essencial para o fluxo e naturalidade do trabalho e para diminuir as sensações de impessoalidade e distância, comuns nos ambientes virtuais.

A percepção dentro de um ambiente envolve vários aspectos cognitivos relativos à habilidade humana. Enquanto a interação entre pessoas e ambiente dentro de uma situação face-a-face parece natural - visto que sentidos como visão e audição estão disponíveis em sua plenitude -, a situação fica menos clara quando há a tentativa de fornecer suporte à percepção em ambientes virtuais. Estes ambientes tendem a esconder diversas informações que estão disponíveis num encontro face-a-face. Tendo como base essas informações, é possível afirmar que o ideal é que existam momentos presenciais antes da colaboração em ambientes virtuais de aprendizagem para que a percepção possa se manifestar por meio das mensagens trocadas em meios eletrônicos .

A atividade da construção do texto coletivo, como no contexto da disciplina, CCVAeP, pressupõe a utilização de dois níveis de relação no ambiente de aprendizagem: o intertextual e o hipertextual. No intertextual, tem-se um grande tecido construído pelas contribuições individuais em que cada participante, por meio de alinhamentos diversos, publica seus textos e também reproduz as vozes dos autores lidos. Em nível hipertextual, tem-se a possibilidade de selecionar e acessar a contribuição ou a seqüência que mais interessa e ainda a de ler na própria rede outros textos que vão sendo, ao longo do processo, mencionados, adicionados e trabalhados por todos os participantes. Este fato vem reforçar a idéia de que, convenientemente organizada, uma Comunidade Virtual de Aprendizagem representa uma importante riqueza em termos de produção e distribuição do conhecimento, de capacidade de ação e de potência cooperativa.

Paralelamente estão propostas na disciplina CCVAeP, outras atividades a serem desenvolvidas durante seu transcorrer, quais sejam: as discussões no fórum de temas relativos aos conteúdos em andamento que são explorados presencialmente, a publicação dos relatórios individuais, bem como a contribuição com Dicas de Sites interessantes.

As participações no fórum são realizadas de acordo com os temas abertos nas salas, como por exemplo: Comunicação Aberta à Distância, Seminários, Texto Coletivo e, Resenhas. Neste espaço, a liberdade para criar novas salas com novos temas é total, e compatível com a proposta da disciplina, na qual o fórum é não-mediado.

De todo esse contexto novo, pode-se dizer que as CVA dão origem a um espaço de transformação social quando os sujeitos participantes criam códigos e elementos discursivos inovadores e produzem mudanças estruturais no comportamento e na forma de se relacionarem. É um mecanismo de reinvenção de lugares para interlocução.

Essas considerações e estudos estão na base da proposta deste trabalho, que apresenta, a demarcação do espaço, ou a condição de contorno para utilização do conceito de capital social.

## **Completando o círculo: Retorno para futuros aperfeiçoamentos**

Depreende-se do exposto que o instrumento de medida objetivado, construído com o intuito de medir o desempenho das CVA estudadas, foi alcançado nos termos dos fatores identificados. Trouxe elementos de abrangência relativos ao funcionamento, atuação desejada e observada de uma CVA.

A principal razão desse resultado se deve à metodologia, pois as entrevistas levadas a efeito continham propositalmente questões abertas, para evitar o direcionamento das respostas, uma vez que a intenção era observar quais fatores seriam evidenciados do procedimento e não a postura dos participantes frente a um fator apresentado pelo pesquisador. Fica comprovado pela análise das variáveis, capital social estrutural, capital social cognitivo e coesão social, bem como pelos fatores identificados em cada uma, o pressuposto de a pesquisa estar relacionada à alfabetização digital e à conseqüente utilização dos ambientes virtuais pelos participantes, ao interesse, motivação e aderência ao uso dos recursos disponibilizados em CVA, e pelas ações coletivas.

Quanto à Matriz obtida, salienta-se a necessidade de aperfeiçoamento com outras experiências que possibilitariam sua validação. O teste de validade seria o próximo passo: realizar as entrevistas, desta vez com questões direcionadas aos fatores obtidos anteriormente e comparar o valor de cada fator ao seu análogo da Matriz original. Outra tarefa desejável seria a obtenção de um parâmetro representativo de toda a Matriz para, então, utilizá-lo como medida de desempenho geral das CVA, iniciar uma série histórica desse parâmetro e observar seu comportamento.

A Matriz do Capital Social resultante desta pesquisa pode ser considerada como uma primeira referência para um estudo desta natureza abrindo espaço e sugerindo aprofundamento para estudos comparativos. Uma questão que merece maior estudo é a aplicação desta Matriz em outras áreas do conhecimento, por exemplo. A questão que se coloca é se participantes de CVA em áreas do conhecimento de exatas responderiam da mesma forma?

Outra questão que se impõe é a busca dos contrastes e convergências no pensamento dos teóricos sobre o conceito do capital social. A maior parte das publicações faz referência a estudos empíricos, nos quais o capital social é uma variável explicativa, mas os esforços por uma formulação teórica pelos quais o capital social seja analisado em sua extensa aplicação não apresenta ainda um acervo amplo.

E, por fim, será possível comprovar, através da Matriz do Capital Social, o fator multiplicador do capital social das outras formas de capital?

## Referências

- BANCO MUNDIAL - Grupo Temático sobre Capital Social. Disponível em :  
www.worldbank.org/poverty/scapital  
<[http://povlibrary.worldbank.org/files/13029\\_cuestionario.pdf](http://povlibrary.worldbank.org/files/13029_cuestionario.pdf)> . Acesso em 14.jan.2006
- BARRETO, R. G. (ORG.). Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- BELLONI, M. L. Educação a distância. Campinas, S.P: Autores Associados, 1999.
- BOUTINET, J. P. Antropologia do Projeto. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.
- COLEMAN, J. Foundations of social theory. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
- COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. Interface (Botucatu), mar./ago. 2005, vol.9, no.17, p.235-248. ISSN 1414-3283.
- FUKUYAMA, F. Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- GEERTZ, C. - A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GROOTAERT, C. Social capital: the missing link? Social Capital Initiative Working Paper Series. Nº 3. Washinton DC: The World Bank, 1998, versão eletrônica [http://www-wds.worldbank.org/external/default/main?pagePK=64193027&piPK=64187937&theSitePK=523679&menuPK=64187510&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679&entityID=000094946\\_0109270407056&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679/](http://www-wds.worldbank.org/external/default/main?pagePK=64193027&piPK=64187937&theSitePK=523679&menuPK=64187510&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679&entityID=000094946_0109270407056&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679/) Acesso em 12.jan.2006.
- HARASIM, L. et al. Redes de Aprendizagem: Um guia para ensino e aprendizagem on-line. São Paulo: Ed. Senac S.P., 2005.
- HIGGINS, S. S. Fundamentos Teóricos do Capital Social. Chapecó: Argos Ed. Universitária, 2005.
- IANNI, O . A era do globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- KENSKI, V. M.. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas: Papyrus, 2003
- KERCKHOVE, D. A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C. TEIXEIRA, J.J. O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2000

LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C. O discurso do sujeito coletivo: um enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.

\_\_\_\_\_. Depoimentos e Discursos: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília, Líber Livro Ed., 2005.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 1999

LIN, N., COOK, K., BURT, R. Social capital: theory and research. New Brunswick: Aldine Transaction, 2005.

LOPES, M. I.V. Pesquisa em Comunicação. 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MACEDO, L. Ensaio Construtivistas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MARTÍN-BARBERO, J. Ofício de Cartógrafo: Travessias Latino-Americanas da Comunicação na Cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NARAYAN, D. Bonds and bridges: social capital and poverty. Policy Research Working Paper. nº 2167. Washington DC: World Bank, 1999. Versão eletrônica em: [http://www-wds.worldbank.org/external/default/main?pagePK=64193027&piPK=64187937&theSitePK=523679&menuPK=64187510&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679&entityID=000094946\\_9909231154006&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679](http://www-wds.worldbank.org/external/default/main?pagePK=64193027&piPK=64187937&theSitePK=523679&menuPK=64187510&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679&entityID=000094946_9909231154006&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679). Acesso em 12. jan.2006.

PALLOFF, R.M. & PRATT, K. Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para a sala de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PASSARELLI, B. Construindo Comunidades Virtuais de Aprendizagem: TôLigado – O Jornal Interativo da sua Escola, in Coleção: Informática Pública – Vol. 4 – 2002 – 14 páginas (187 – 201)

\_\_\_\_\_. Teoria das Múltiplas Inteligências aliada à Multimídia na Educação: Novos Rumos Para o Conhecimento. <http://bpassarelli.futuro.usp.br/pos/multiplasintelig.pdf> (2001). Acesso em 14.jan.2006

\_\_\_\_\_. Interfaces Digitais na Educação: @lucinações Consentidas, 2003, xxxxp, tese de Livre Docência, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2003.

PORTES, A. Social Capital: its origins and applications in modern sociology. Annual Review Sociology, n.24, p.1-24, 1998.

PUTNAM, R. Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna. 4ª.ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

REICH, R. O Trabalho das Nações: preparando-nos para o capitalismo do século 21. São Paulo: Educator, 1994.

RHEINGOLD, H. The virtual community: homesteading on the electronic frontier, versão eletrônica, disponível em <<http://www.rheingold.com/vc/book/1.html>>. Acesso em 14.jan.2006.

SOARES, I. O. Caminhos da Educomunicação/ Ismar de Oliveira Soares (coord.). São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

\_\_\_\_\_. Educomunicação: As perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção Social. O caso dos Estados Unidos. Eccos Revista Científica UNINOVE. (São Paulo) dez. 2000, vol.2, nº 2, p.61-80.